

# **FASUL EDUCACIONAL** **(Fasul Educacional EaD)**

---

## **PÓS-GRADUAÇÃO**

# **EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE EM DEFICIÊNCIA VISUAL E SISTEMA BRAILLE**

## **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

---

## EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE EM DEFICIÊNCIA VISUAL E SISTEMA BRAILLE

<b>DISCIPLINA:</b> FUNDAMENTOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL
<b>RESUMO</b> Neste material os seguintes assuntos serão abordados: análise do conceito de deficiência, diferença e diversidade e os discursos de normal, normalidade e anormal, inclusão e exclusão. Estudo dos princípios emanados pela Declaração Mundial de Educação para Todos, Declaração de Salamanca, Convenção de Guatemala, Declaração de Jomtien, Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência; análise das últimas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e definição das terminologias utilizadas para o público-alvo da Educação Especial.
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>
<b>AULA 1</b> TEMA 01 – DISCURSOS DE NORMAL E ANORMAL – HISTÓRICO TEMA 02 – O CONCEITO DE NORMALIDADE NAS DIFERENTES CULTURAS TEMA 03 – INCLUSÃO E EXCLUSÃO TEMA 04 – OS PADRÕES DA SOCIEDADE TEMA 05 – A DIVERSIDADE E O RESPEITO AO DIFERENTE NA PRÁTICA FINALIZANDO
<b>AULA 2</b> TEMA 01 - BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL TEMA 02 - PERSPECTIVA ASSISTENCIALISTA TEMA 03 – SEGREGAÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL TEMA 04 – MARCOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL TEMA 05 - ORGANIZAÇÃO ATUAL NA PRÁTICA FINALIZANDO
<b>AULA 3</b> TEMA 01 - AS PRIMEIRAS CONQUISTAS LEGAIS TEMA 02 - LEI N. 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961 TEMA 03 – A CONSTITUIÇÃO DE 1988 TEMA 04 – LDB 9.394/96 – GARANTIAS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL TEMA 05 - LEI 12.796/2013 NA PRÁTICA FINALIZANDO
<b>AULA 4</b> TEMA 01 – DECLARAÇÃO MUNDIAL DA EDUCAÇÃO PARA TODOS TEMA 02 – DECLARAÇÃO DE SALAMANCA TEMA 03 – CONVENÇÃO DA GUATEMALA TEMA 04 – DECRETO N. 3.956/2001 TEMA 05 – CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

NA PRÁTICA  
FINALIZANDO

**AULA 5**

TEMA 01 – POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA  
TEMA 02 – DIREITOS DAS PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)  
TEMA 03 – LIBRAS  
TEMA 04 – ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO  
TEMA 05 – TERMINOLOGIAS UTILIZADAS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

NA PRÁTICA  
FINALIZANDO

**AULA 6**

TEMA 01 – DECRETO N. 5.626/2005  
TEMA 02 – NOTA TÉCNICA N. 46/2013  
TEMA 03 – NOTA TÉCNICA N. 06/2011  
TEMA 04 – NOTA TÉCNICA N. 09/2010  
TEMA 05 – APARECER TÉCNICO N. 71/2013

NA PRÁTICA  
FINALIZANDO

**BIBLIOGRAFIAS**

- CAMARGO, E. P. de. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. Ciênc. Educ., Bauru, v. 23, n. 1, p. 1-6, 2017.
- SABBATINI, R. M. E. A história da terapia por choque em Psiquiatria. Revista Cérebro e Mente, 2016. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n04/historia/shock.htm>. Acesso em: 19 ago. 2018.
- THOMA, A. da S. Entre normais e anormais: invenções que tecem inclusões e exclusões das alteridades deficientes. In: PELLANDA, N. M. C.; SCHLÜNZEN, E.; SCHLÜNZEN, K. (Orgs.). Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

**DISCIPLINA:**

LIBRAS

**RESUMO**

Ouvir é uma importante fonte de experiências sociais. Nenhuma incapacidade produz tantas dificuldades específicas em relação à comunicação e à linguagem do que a deficiência auditiva. Aprendemos a falar, a compreender a fala dos outros, a comunicar experiências e ideias; assim, podemos repassar o que ouvimos. Nesta disciplina veremos que é principalmente por meio da audição que adquirimos a linguagem, característica mais marcante ao ser humano. Não ter acesso à linguagem é não desenvolver em toda plenitude a capacidade linguística; é perder o direito de ser pessoa, em toda a abrangência da palavra. Os surdos estabelecem um sistema linguístico e, por meio do processamento das informações visuais-verbais, poderão acessar a simbolização e os conceitos.

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

**AULA 1**

INTRODUÇÃO  
LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS  
MITO: LÍNGUA DE SINAIS ÚNICA E UNIVERSAL  
SURDO NO BRASIL  
DIA NACIONAL DA LIBRAS

**AULA 2**

INTRODUÇÃO  
ALGUNS CONCEITOS DE IDENTIDADE E COMUNIDADES SURDAS  
CULTURA SURDA  
EDUCAÇÃO INCLUSIVA  
ESCOLAS PARA SURDOS

**AULA 3**

INTRODUÇÃO  
LITERATURA VISUAL PARA O ENSINO DE LIBRAS  
LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS  
DESENVOLVIMENTO DAS ETAPAS DE ENSINO DA L1 PARA SURDOS  
EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS

**AULA 4**

INTRODUÇÃO  
COMO TRABALHAR COM SURDOS?  
BREVE PANORAMA DAS LEIS EM VIGÊNCIA NO BRASIL  
O CURRÍCULO E O DECRETO N. 5.626/2005  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E PARCERIA ENTRE PROFESSOR E TRADUTOR  
INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS (TILS)

**AULA 5**

INTRODUÇÃO  
O SURGIMENTO DA PROFISSÃO NO BRASIL  
PORTARIA N. 1.679, DE 2/12/1999 – MEC – ACESSO AO ENSINO SUPERIOR,  
ATUALIZADA PELA PORTARIA N. 3.284, DE 7/11/2003  
PRESSUPOSTOS DA INCLUSÃO  
A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA EM RELAÇÃO AO ALUNO SURDO

**AULA 6**

INTRODUÇÃO  
ANÁLISE HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO  
POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA  
A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL  
ESPECIALIZADO

**BIBLIOGRAFIAS**

- FUNDAÇÃO Cultural de Camboriú oferece curso de Libras. Click Camboriú, 4 jul.2016a.Disponívelem:<https://www.clickcamboriu.com.br/geral/2016/07/fundacao-cultural-de-camboriu-oferece-curso-de-libras-144849.html>. Acesso em: 16nov. 2019.
- GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus, 1997.
- JANNUZZI, G. S. M. A. Educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas: Autores Associados, 2004.
- MOURA, M. C.; LODI, A. C. B.; HARISSON, R. M. P. História e educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais. In: LOPES, F. O. Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca, 1997. p. 16.
- PESSOTTI, I. Deficiência mental: da superstição à ciência. São Paulo: Queros/EDUSP. 1984.
- RIBEIRO, A. O Instituto Nacional de Surdos-mudos. Rev. Serv. Públ., v. 5, n. 4, 1942. Separata. RIO DE JANEIRO. Lei n. 4.304, de 7 de abril de 2004. Dispõe sobre a utilização de recursos visuais, destinados as pessoas com deficiência auditiva, na veiculação de propaganda oficial. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 4 dez. 2004.
- ROCHA, S. O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Surdos em seu percurso de 150 anos. 2. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 2008.
- SACKS, O. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo. Cia das Letras, 1999.
- VEREADOR quer incluir Libras como disciplina curricular nas escolas de Ballneário Camboriú. Click Camboriú, 8 jun. 2016b. Disponível em: <https://www.clickcamboriu.com.br/politica/2016/06/vereador-quer-incluir-librascomo-disciplina-curricular-nas-escolas-de-ballneario-camboriu-143546.html>. Acesso em: 16 nov. 2019.
- XAVIER, A. N. Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (Libras). 175 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

**DISCIPLINA:**

DEFICIÊNCIA VISUAL E PRÁTICAS INCLUSIVAS

**RESUMO**

A deficiência visual, no Brasil, está presente em cerca de 18% da população, de acordo com o Censo de 2010. Dentre as pessoas que compõem a população brasileira, 24% declararam ter algum tipo de deficiência, sendo que, dessas, mais de 78% têm deficiência visual, ou seja, a maior parcela de pessoas com deficiência em nosso país é composta por deficientes visuais (IBGE, 2010). Esses dados mostram um número expressivo de pessoas que necessitam de melhores condições de vida, no que se refere a acessibilidade, reabilitação, lazer ou convivência social, ou seja, há uma parcela significativa da população que precisa de atendimento na área de deficiência visual. No decorrer da história da humanidade, a deficiência foi percebida de diversas formas e as pessoas com deficiência foram, por muito tempo, excluídas da sociedade, confinadas e até mortas, por serem consideradas inaptas para o convívio social. A deficiência, caracterizada por uma alteração anormal de uma estrutura física, sensorial ou patológica, quando ocorre no sistema óptico humano, pode causar a cegueira total, ou apresentar limitações severas, evidenciando a baixa visão.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

#### **AULA 1**

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

CONCEITOS SOBRE DEFICIÊNCIA

CARACTERIZAÇÃO DA DEFICIÊNCIA VISUAL

PRINCIPAIS CAUSAS DA DEFICIÊNCIA VISUAL

DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL E NO MUNDO

FINALIZANDO

#### **AULA 2**

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

O DEFICIENTE NA HISTÓRIA

SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO DO DEFICIENTE VISUAL

A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL

A EDUCAÇÃO PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL

INTEGRAÇÃO X INCLUSÃO

FINALIZANDO

#### **AULA 3**

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

O PROCESSO ALFABETIZAÇÃO E A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

O SISTEMA BRAILLE

MÃOS QUE LEEM

A ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DO SISTEMA BRAILLE

MAIS RECURSOS PARA AUXILIAR A ALFABETIZAÇÃO EM BRAILLE

FINALIZANDO

**AULA 4**

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

TECNOLOGIA ASSISTIVA

TIFLOTECNOLOGIA

RECURSOS PARA A PESSOA COM BAIXA VISÃO

RECURSOS FACILITADORES POR MEIO DA AUDIÇÃO

RECURSOS TÁTEIS – A VISÃO NA PONTA DOS DEDOS

FINALIZANDO

**AULA 5**

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

OM – O QUE É? PARA QUE SERVE?

CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA APRENDIZAGEM DE OM

DESENVOLVIMENTO DAS OUTRAS PERCEPÇÕES PARA OM

PROGRAMAS DE OM PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

OM E EDUCAÇÃO INCLUSIVA – CURRÍCULO E AVALIAÇÃO

FINALIZANDO

**AULA 6**

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO VISUAL

AVALIANDO A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

ESTIMULAÇÃO PRECOCE: QUANTO ANTES, MELHOR!

PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO VISUAL

FINALIZANDO

**BIBLIOGRAFIAS**

- BRUNO, M. M. G.; MOTA, M. G. B. da. Colaboração: Instituto Benjamin Constant. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual. vol. 1, fascículos I – II – III. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001.
- BUENO, J. G. S. A educação especial na sociedade moderna: integração, segregação do aluno diferente. São Paulo: EDUC, 1993.
- CORREIA, L. de M. Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares. Porto: Porto Editora, 1997.

- FERNANDES, L. B.; SCHLESENER, A.; MOSQUERA, C. Breve histórico da deficiência e seus paradigmas. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, v. 2, Curitiba, 2011.
- GUHUR, M. L. P. A representação da deficiência mental numa perspectiva histórica. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 2, p. 75-84, 1994. Disponível em: [http://www.abpee.net/homepageabpee04\\_06/artigos\\_em\\_pdf/revista2numero1\\_pdf/r2\\_art07.pdf](http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista2numero1_pdf/r2_art07.pdf). Acesso em: 20 abr. 2018.
- MISÉS, R. A criança deficiente mental: uma abordagem dinâmica. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- MOTTA, L. M. V. de M. Aprendendo a ensinar inglês para alunos cegos e com baixa visão um estudo na perspectiva da teoria da atividade. 216 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.
- OLIVEIRA, L. M. B. Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR). Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD). Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência. Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012.
- OMS – Organização Mundial da Saúde. CID-10. Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde. 10. rev. 6. ed. São Paulo: Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português/EDUSP, 2001.
- SARLET, I. W.; BUBLITZ, M. D. Declaração de Atenas: a mídia e o uso da terminologia com relação às pessoas com deficiência na perspectiva do direito à igualdade. Revista Direitos Fundamentais & Democracia, v. 15, n. 15, p. 53-66, 2014.
- TALEB, A. C. et al. As condições de saúde ocular no Brasil. São Paulo: Conselho Brasileiro de Oftalmologia (CBO), 2012. Disponível em: <http://www.cbo.net.br/novo/medico/pdf/01-cegueira.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

**DISCIPLINA:**

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

**RESUMO**

Nas últimas décadas, o direito de todos à educação vem sendo debatido de forma integral. Isso quer dizer que o sistema educacional, estratégias metodológicas e ações educacionais estão sendo revistas e atualizadas. Uma das principais mudanças é o foco na inclusão escolar. Veremos todos os contextos e abordagens referentes ao atendimento educacional especializado nos diferentes níveis e modalidades de ensino nesta disciplina.

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

**AULA 1**

INTRODUÇÃO

INCLUSÃO ESCOLAR NOS CONTEXTOS COMUM E ESPECIAL: O PAPEL DO

PROFESSOR  
EDUCAÇÃO ESPECIAL NO CONTEXTO DA ESCOLA INCLUSIVA: AÇÕES COLABORATIVAS  
EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM MEDIADA  
METODOLOGIAS EXPOSITIVA E DIALÉTICA  
METODOLOGIAS ATIVAS  
NA PRÁTICA  
FINALIZANDO

**AULA 2**

INTRODUÇÃO  
A PESSOA COM DEFICIÊNCIA  
CONCEPÇÃO DE DEFICIÊNCIA, TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO E ALTAS HABILIDADES  
HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E CONVENÇÕES MUNDIAIS: INCLUSÃO ESCOLAR  
DIRETRIZES EDUCACIONAIS INCLUSIVAS NO BRASIL  
ASPECTOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL INSERIDOS NO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: 2011-2020  
NA PRÁTICA  
FINALIZANDO

**AULA 3**

INTRODUÇÃO  
O PAPEL DOCENTE NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS  
ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: MATERIAIS  
ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: AVALIAÇÃO  
ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: O PLANO DE ATENDIMENTO  
ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS: ATENDIMENTO  
NA PRÁTICA  
FINALIZANDO

**AULA 4**

INTRODUÇÃO  
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL  
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM SURDEZ  
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E BAIXA VISÃO  
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA  
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO  
NA PRÁTICA  
FINALIZANDO

**AULA 5**

INTRODUÇÃO

ACESSIBILIDADE E DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM  
RECURSOS PEDAGÓGICOS ACESSÍVEIS E COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E  
AUMENTATIVA  
TECNOLOGIA ASSISTIVA NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS  
PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS AOS ALUNOS COM ALTAS  
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO  
MATERIAL DIDÁTICO: ALUNOS COM SURDOCEGUEIRA  
NA PRÁTICA  
FINALIZANDO

#### **AULA 6**

INTRODUÇÃO  
CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO  
AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: ÁREA DA DEFICIÊNCIA  
AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: ÁREA DOS TRANSTORNOS GLOBAIS DO  
DESENVOLVIMENTO  
AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO  
PLANEJAMENTO NA FLEXIBILIZAÇÃO: METODOLÓGICA, AVALIATIVA E/OU  
CURRICULAR  
NA PRÁTICA  
FINALIZANDO

#### **BIBLIOGRAFIAS**

- ARAÚJO, S.; ALMEIDA, M. Contribuições da consultoria colaborativa para a inclusão de pessoas com deficiência intelectual. Educação Especial, Santa Maria, v. 27, n. 49, p. 341-352, 2014.
- BENITEZ, P., DOMENICONI, C. Consultoria colaborativa: estratégias para o ensino de leitura e escrita. Psicol. teor. prat., São Paulo, v. 18, n. 3, p. 141-155, 2016.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- FEUERSTEIN, R.; RAND, Y.; FEUERSTEIN, R. S. You love me! Don't accept as I am. Jerusalem: ICELP, 2006.
- GAROFALO, D. Como as metodologias ativas favorecem o aprendizado. Nova Escola, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11897/comoas-metodologias-ativas-favorecem-o-aprendizado>. Acesso em: 27 set. 2019.
- GATELY, S. E.; GATELY, F. J. Understanding co-teaching components. Teaching Exception Children, v.33, n.4, p.40-47, 2001.
- KAMPWIRTH, T. J. Collaborative consultation in the schools: effective practices for students with learning and behavior problems. New Jersey: Merrill Prentice Hall, 2003.
- MENDES, E. P.; VILARONGA, C. A. R.; ZERBATO, A. P. Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar. São Carlos: EDUFScar, 2014.
- MINETTO, M. de F. Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio. Curitiba: Ibpex, 2008.

**DISCIPLINA:**

EDUCOMUNICAÇÃO
RESUMO
<p>A Educomunicação está fundada claramente na realidade de que mídias de massa entram nas casas dos alunos e nos portões das escolas diariamente, sem pedir licença. Bem, isso é verdade, e talvez seja um pouco assustador para muitos professores, entretanto é uma boa ideia descobrirmos como esses meios se formaram e atuam em nossa comunidade.</p>
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
<p><b>AULA 1</b> INTRODUÇÃO INDÚSTRIA CULTURAL CULTURA DE MASSA MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO EXTENSÕES DO HOMEM MEIOS COMUNICACIONAIS ATUAIS</p> <p><b>AULA 2</b> INTRODUÇÃO CINEMA TELEVISÃO MÚSICA REDES SOCIAIS</p> <p><b>AULA 3</b> INTRODUÇÃO O SUJEITO NA PÓS-MODERNIDADE OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA ESCOLA PÓS-MODERNA GLOCAL RELAÇÃO PRODUÇÃO-CONSUMO NO SÉCULO XXI</p> <p><b>AULA 4</b> INTRODUÇÃO EDUCOMUNICAÇÃO E O CONSUMO NA SOCIEDADE ALUNO CONSUMISTA A ESCOLA EM MEIO AO CONSUMO CONSUMO EDUCOMUNICACIONAL</p> <p><b>AULA 5</b> INTRODUÇÃO EDUCOMUNICAÇÃO NA CIDADE EDUCOMUNICAÇÃO NO CAMPO EDUCOMUNICAÇÃO E DIREITOS HUMANOS EDUCOMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONTEÚDO</p> <p><b>AULA 6</b> INTRODUÇÃO TÉCNICAS DE APLICAÇÃO: O PROFESSOR TÉCNICAS DE APLICAÇÃO: ALUNOS</p>

TÉCNICAS DE APLICAÇÃO: TRABALHOS EM EQUIPE  
TÉCNICAS DE APLICAÇÃO: INDIVIDUALMENTE

**BIBLIOGRAFIAS**

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz & Terra, 2011.
- BAUMAN, Z. Vida para consumo. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Porto Alegre: L&PM, 2018.

**DISCIPLINA:**  
TECNOLOGIAS ASSISTIVAS

**RESUMO**

Iremos discutir alguns aspectos históricos e conceituais acerca das tecnologias de uma forma geral, para que possamos refletir sobre as tecnologias assistivas, que se mostram como artefatos que viabilizam autonomia e acessibilidade para pessoas com deficiência. Ao tratar dessa temática, é importante pensar sobre o papel da tecnologia no nosso próprio cotidiano, na sociedade e nas diferentes culturas. Da mesma forma, é necessário compreender o quanto os recursos tecnológicos influenciam nossas vivências, nossos relacionamentos e as formas de interagirmos uns com os outros.

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

**AULA 1**

INTRODUÇÃO

O QUE É TECNOLOGIA ASSISTIVA?

BREVE HISTÓRICO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

DESENHO UNIVERSAL

**AULA 2**

INTRODUÇÃO

CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

EDUCAÇÃO ESPECIAL NA LEGISLAÇÃO

DOCUMENTOS INTERNACIONAIS

**AULA 3**

INTRODUÇÃO

SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

AEE PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA

AEE PARA ESTUDANTES COM TEA

AEE PARA ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

**AULA 4**

INTRODUÇÃO

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E TECNOLOGIA ASSISTIVA

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AUMENTATIVA

SISTEMAS GRÁFICOS

DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS E SISTEMAS PARA CAA

**AULA 5**

INTRODUÇÃO  
ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE  
AUDIODESCRIÇÃO E CÃO-GUIA  
PRODUTOS DE ALTA TECNOLOGIA E DEFICIÊNCIA VISUAL  
TECNOLOGIA ASSISTIVA NA ÁREA DA SURDEZ

**AULA 6**

INTRODUÇÃO  
ÓRTESES  
PRÓTESES E MEIOS AUXILIARES DE LOCOMOÇÃO  
ADAPTAÇÕES NO COMPUTADOR  
PROJETOS ARQUITETÔNICOS PARA ACESSIBILIDADE

**BIBLIOGRAFIAS**

- FELIPE, A. A. C. Reflexões sobre as mudanças sociais motivadas pelo desenvolvimento tecnológico: a necessidade de instituir uma reflexão ética na utilização das tecnologias da informação e comunicação. *Biblionline*, João Pessoa, v. 8, n. 2, 2012.
- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- POKER, R. B.; OMOTE, S. (Org.). *As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas*. Marília/SP: Cultura Acadêmica, 2012. p. 65-92.

**DISCIPLINA:**

EDUCAÇÃO INCLUSIVA APLICADA AS DEFICIÊNCIAS – VISUAL, AUDITIVA, FÍSICA E INTELECTUAL

**RESUMO**

É impossível tratar de inclusão na esfera educacional sem mencionar a Educação Especial. É por meio dela que a caminhada rumo à educação inclusiva se inicia. Dessa forma, será possível perceber que, apesar de ser uma necessidade social inerente, a inclusão, na maioria das vezes, não acontece de forma adequada. Para que isso ocorra, é necessário, primeiramente, que a sociedade entenda a diferença como uma característica construtiva que tende a agregar valores e um novo olhar sobre o meio em que estamos inseridos.

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

**AULA 1**

INTRODUÇÃO  
CONTEXTUALIZANDO  
O QUE É EDUCAÇÃO INCLUSIVA?  
HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL  
DÉCADA DE 1970, UM MARCO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL  
TRAJETÓRIA POLÍTICA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL  
DEFICIÊNCIA – CLASSIFICAÇÃO E CONCEITUAÇÃO  
FINALIZANDO

**AULA 2**

INTRODUÇÃO  
CONTEXTUALIZANDO  
AS DIFERENTES NECESSIDADES ESPECIAIS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA  
DEFICIÊNCIA VISUAL

DEFICIÊNCIA AUDITIVA  
DEFICIÊNCIA FÍSICA  
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL  
FINALIZANDO

**AULA 3**

INTRODUÇÃO  
CONTEXTUALIZANDO  
O QUE É ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E A QUEM ELE SE DESTINA  
POLÍTICA EDUCACIONAL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA  
RECURSOS EDUCACIONAIS ESPECIALIZADOS  
RECURSOS EDUCACIONAIS DIRECIONADOS AOS DIFERENTES TIPOS DE DEFICIÊNCIA  
ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DOS PROFISSIONAIS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA  
FINALIZANDO

**AULA 4**

INTRODUÇÃO  
CONTEXTUALIZANDO  
PANORAMA ATUAL DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA  
OS PARADIGMAS E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA  
EQUIPE MULTIDISCIPLINAR, UM DIÁLOGO POSSÍVEL  
A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO  
OS DESAFIOS DA ESCOLA  
FINALIZANDO

**AULA 5**

INTRODUÇÃO  
CONTEXTUALIZANDO  
APRENDIZAGEM E NEUROPLASTICIDADE  
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO AMBIENTE EDUCATIVO  
DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E A DEFICIÊNCIA  
DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM X TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM  
TIPOS DE TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM  
FINALIZANDO

**AULA 6**

INTRODUÇÃO  
CONTEXTUALIZANDO  
DOENÇAS CRÔNICAS E O AMBIENTE ESCOLAR  
TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM – DISGRAFIA  
DISLEXIA  
DISCALCULIA DO DESENVOLVIMENTO  
TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)  
FINALIZANDO

**BIBLIOGRAFIAS**

- VIGOTSKY, L. S. Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010. (Série Pensamento e Ação no Magistério).
- POLÍTICA Nacional de Educação especial na perspectiva da Educação inclusiva, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>  
Acesso em: 22 jul. 2018.

- PAN, M. A. G. de S. O direito à diferença: uma reflexão sobre deficiência intelectual e educação inclusiva. Curitiba: InterSaberes, 2013.

**DISCIPLINA:**

TRANSTORNOS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

**RESUMO**

Começamos nossos estudos procurando apresentar um pouco o aprender. Aprender é o verbo de ação que dá origem ao substantivo aprendizagem. Isso significa que aprendizagem é o ato de aprender. Há um esforço. Há uma ação que pode ser definida como ato de interação entre o sujeito e o que será aprendido. Dessa forma, precisamos desvendar um pouco como se realiza a aprendizagem. Na verdade, procuraremos apresentar algumas concepções, ou seja, modos de apresentar a condição de aprender.

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

**AULA 1**

INTRODUÇÃO

PSICOLOGIA COMPORTAMENTAL

PSICOLOGIA DA FORMA/FIGURA

PSICOLOGIA COGNITIVA

PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E PSICOGÊNESE

**AULA 2**

INTRODUÇÃO

DIFICULDADES/PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

TRANSTORNOS/DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM

CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE DOENÇAS (CID 11)

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS (DSM-5)

**AULA 3**

INTRODUÇÃO

FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: PERÍODOS HISTÓRICOS

LESÕES CEREBRAIS

TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO

**AULA 4**

INTRODUÇÃO

PLASTICIDADE NEURAL E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

NEUROTRANSMISSORES

PROCESSOS NEUROLÓGICOS DA APRENDIZAGEM

ARQUITETURA NEURONAL NA INFÂNCIA

**AULA 5**

INTRODUÇÃO

DISLEXIA

DISGRAFIA E DISORTOGRAFIA

DISCALCULIA  
TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

**AULA 6**

INTRODUÇÃO  
DISLALIA E O PAPEL DO MEDIADOR  
DISLEXIA E ESTIMULAÇÃO  
DISGRAFIA, DISORTOGRAFIA, DISCALCULIA E A APRENDIZAGEM  
TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH): CAMINHOS POSSÍVEIS

**BIBLIOGRAFIAS**

- BASSO, C. M. Algumas reflexões sobre o ensino mediado por computadores. Disponível em: [http://coral.ufsm.br/lec/02\\_00/Cintia-L&C4.htm](http://coral.ufsm.br/lec/02_00/Cintia-L&C4.htm). Acesso em: 24 jun. 2018.
- TERRA, M. R. O desenvolvimento humano na teoria de Piaget. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- NETTO, A. P.; COSTA, O. S. A importância da psicologia da aprendizagem e suas teorias para o campo do ensino-aprendizagem. Fragmentos de cultura, v. 27, n. 2, p. 216-224, 2017.

**DISCIPLINA:**

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

**RESUMO**

A aprendizagem é uma função que integra corpo, mente e psique, possibilitando a apropriação da realidade pelo indivíduo, de forma subjetiva. Tudo o que somos é uma soma de aprendizagens ao longo da nossa própria existência e de toda a nossa história. Cada aprendizagem foi realizada através de uma interação: seja uma pessoa que nos ensinou, um vídeo, um livro, um material didático – sempre há um mediador. O processo de aprendizagem tem no cérebro sua matriz. Várias estruturas cerebrais estão envolvidas nesse complexo evento, e diferentes aprendizados se dão em diferentes locais do cérebro, que, apesar de serem partes distintas, trabalham em uma unidade, como um sistema funcional. O cérebro é responsável por receber, decodificar e interpretar estímulos e também coordenar todas as funções cognitivas, como memória, atenção, raciocínio, emoção, linguagem, percepção etc.

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

**AULA 1**

INTRODUÇÃO  
CONTEXTUALIZADO  
COGNIÇÃO E AFETIVIDADE  
O CÉREBRO E A APRENDIZAGEM  
TRANSTORNOS E DIFICULDADES: RECONHECENDO AS DIFERENÇAS  
DIFICULDADES E PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM  
TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM  
FINALIZANDO

**AULA 2**

INTRODUÇÃO  
CONTEXTUALIZADO  
A VISÃO DA NEUROPSICOLOGIA SOBRE A DISLEXIA  
CLASSIFICAÇÕES DA DISLEXIA

DEFININDO O QUADRO DA DISLEXIA  
REPERCUSSÕES DA DISLEXIA  
INTERVENÇÕES EM SALA DE AULA  
FINALIZANDO

### **AULA 3**

INTRODUÇÃO  
CONTEXTUALIZADO  
SOBRE A DISORTOGRAFIA  
COMO DIFERENCIAR A DISORTOGRAFIA DA DISLEXIA?  
INTERVENÇÕES NO QUADRO DE DISORTOGRAFIA  
SOBRE A DISGRAFIA  
REPERCUSSÕES E INTERVENÇÕES NA DISGRAFIA  
FINALIZANDO

### **AULA 4**

INTRODUÇÃO  
CONTEXTUALIZADO  
DEFINIÇÃO E DIFERENÇAS DE TDA E TDAH  
PREVALÊNCIA E ETIOLOGIA  
IDENTIFICANDO O TDA E O TDA/TDAH EM SALA DE AULA  
AS POLÊMICAS DO TDAH  
INTERVENÇÕES EM SALA DE AULA  
FINALIZANDO

### **AULA 5**

INTRODUÇÃO  
CONTEXTUALIZADO  
DEFININDO O ESPECTRO AUTISTA  
QUADRO CLÍNICO E SINAIS INDICADORES DE TEA  
DIFERENÇAS DE NÍVEIS DE AUTISMO: O AUTISMO LEVE (SÍNDROME DE ASPERGÉR)  
APRENDIZAGEM E AUTISMO  
INTERVENÇÕES EDUCATIVAS

### **AULA 6**

INTRODUÇÃO  
CONTEXTUALIZADO  
MEMÓRIA E APRENDIZAGEM  
TRANSTORNOS DA MEMÓRIA  
PROBLEMAS EMOCIONAIS E APRENDIZAGEM  
ELUCIDAÇÕES SOBRE O DISTÚRBO DO PROCESSAMENTO AUDITIVO CENTRAL  
PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS NA SÍNDROME DE DOWN  
FINALIZANDO

### **BIBLIOGRAFIAS**

- ARANTES, V. Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação. In: OLIVEIRA, M. K.; TRENTO, D.; REGO, T. (Org.). Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002. Disponível em: [http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm#\\_ftn1](http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm#_ftn1). Acesso em: 07 dez. 2022
- ALEXANDER Romanovich Luria. Wikipedia, 16 jun. 2018b. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander\\_Luria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander_Luria). Acesso em: 07 dez. 2022
- BARTHOLOMEU, D.; SISTO, F. F.; MARIN RUEDA, F. J. Dificuldades de

aprendizagem na escrita e características emocionais de crianças. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 1, p. 139-146, abr. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722006000100016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000100016&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 07 dez. 2022

**DISCIPLINA:**  
NEUROEDUCAÇÃO E NEURODIDÁTICA COMO O CÉREBRO APRENDE

**RESUMO**

Nesta disciplina serão apresentadas noções de educação, de didática e de neurodidática, de práticas de ensino e de práticas educacionais para o exercício pleno de processos cognitivos de ensino e de aprendizagem.

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

**AULA 1**

INTRODUÇÃO

PERSPECTIVAS SOCIAIS E HUMANISTAS E SEU IMPACTO SOBRE O CÉREBRO DOS(AS) ESTUDANTES

DA DIDÁTICA À NEURODIDÁTICA

PLANEJAMENTO COM O CÉREBRO EM MENTE

MODALIDADES DE EDUCAÇÃO E O CÉREBRO

**AULA 2**

INTRODUÇÃO

MEMÓRIAS

PERCEPÇÃO

PERCEPÇÃO VISUAL E ILUSÕES

ABSTRAÇÃO

**AULA 3**

INTRODUÇÃO

EMOÇÕES POSITIVAS E NEGATIVAS E EMOÇÕES ESTÉTICAS

EMOÇÕES ESTÉTICAS: A ARTE NA EDUCAÇÃO

EMOÇÕES FICTÍCIAS (MAKE-BELIEVE EMOTIONS)

EMOÇÕES MORAIS E EMOÇÕES CONTRAFCTUAIS

**AULA 4**

INTRODUÇÃO

EMOÇÕES E CONSCIÊNCIA

ESTADO DE VIGÍLIA, ATENÇÃO PLENA E COMPORTAMENTO INTENCIONAL

EMOÇÃO E TOMADA DE DECISÃO

CONSCIÊNCIA E LINGUAGEM

### **AULA 5**

INTRODUÇÃO

GAMIFICAÇÃO

JOGOS/GAMES

PERSPECTIVAS ANALÓGICAS, DIGITAIS E VIRTUAIS COABITANDO CENÁRIOS (I)

PERSPECTIVAS ANALÓGICAS, DIGITAIS E VIRTUAIS COABITANDO CENÁRIOS (II)

### **AULA 6**

INTRODUÇÃO

DORMIR E UM CÉREBRO SAUDÁVEL

COMER E O CÉREBRO SAUDÁVEL

EXERCÍCIOS E COGNIÇÃO

MOVIMENTO E COGNIÇÃO

### **BIBLIOGRAFIAS**

- BARRETT, L. F.; NIEDENTHAL, P. M.; WINKIELMAN, P. (Ed.). Emotion and Consciousness. The Guilford Press, 2005.
- BROUSSEAU, G. Introdução ao estudo das situações didáticas: conteúdos e métodos de ensino. São Paulo: Ática, 2008.
- CAMPOS, F. C. A.; ROCHA, A. R. C. Design instrucional e construtivismo: em busca de modelos para o desenvolvimento de software. In: IV CONGRESSO RIBIE, 1998. Anais... Brasília, DF, 1998.
- CANDAU, V.; KOFF, A. M. N. S. A didática hoje: reinventando caminhos. Educação e Realidade. v. 40, n. 2, Porto Alegre, abr./jun. 2015.
- COMÊNIO, J. A. Didática magna. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- GARRIDO, S. M. L. et al. A expansão da educação superior no brasil, a indução da qualidade a partir dos sinais e as novas perspectivas para a educação à distância. Cadernos de Pesquisa Pensamento Educacional. v. 11, n. 25. 2015.
- GAZZANIGA, M. S.; MANGUN, G. R. (Ed.). The cognitive neurosciences. 5. ed. Cambridge: MIT Press, 2014.
- JENSEN, E. Teaching with the brain in min. 2. ed. Virginia: Association for Supervision and Curriculum Development Alexandria, 2005.
- LURIA, A. R. Fundamentos de neuropsicologia. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1981.
- LYMAN, L. L. Brain science for principals: what school leaders need to know. London: Rowman & Littlefield, 2016.
- NEUBERT, F. et al. Comparison of Human Ventral Frontal Cortex Areas for Cognitive Control and Language with Areas in Monkey Frontal Cortex. Neuron Journal, v.81, n.3, p.700-713, fev.2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24485097>. Acesso em: 10 set. 2019.
- REINHARDT, A. New Ways to Learn. Revista Byte. v. 20, n. 3, mar. 1995.
- ROGERS, C. Liberdade de aprender em nossa década. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- SAVIANI, D. Pedagogia: O espaço da Educação. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 130, p. 13-14, jan./abr. 2007.

### **DISCIPLINA:**

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS, PEDAGÓGICOS E CIENTÍFICOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

### **RESUMO**

Ao longo da história, podemos observar diversas maneiras de entender as diferenças físicas, sensoriais e intelectuais entre as pessoas. Aspectos como costumes, crenças, cientificidade e marcos legais influenciam o entendimento do conceito de Educação Especial. Isso porque diferentes épocas produzem suas próprias interpretações do real, ou seja, a realidade do vivido se altera historicamente. Porém, temos de nos atentar para o fato de que, no âmbito das diferenças, as deficiências sempre existirão, independentemente da compreensão que determinada época ou sociedade construa acerca delas. Rodrigues e Maranhe (2010) analisam que a compreensão do outro em suas diferenças, ou o fato de que todos os seres humanos são distintos em diversos níveis significa aceitarmos a busca de opções para nos comunicarmos com interação e, concomitantemente, promovermos o desenvolvimento social coletivo.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

#### **AULA 1**

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

O CONCEITO DE DEFICIÊNCIA

DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA AO FEUDALISMO

DO ABSOLUTISMO AO PROCESSO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NO SÉCULO XIX

O PERÍODO CONTEMPORÂNEO

TRAJETÓRIA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA HISTÓRIA DO BRASIL

FINALIZANDO

#### **AULA 2**

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

PREDOMÍNIO DAS IDEIAS INATAS

A PROPOSTA FILOSÓFICA DE INCLUSÃO SOCIAL DA DÉCADA DE 1990

TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

FINALIZANDO

#### **AULA 3**

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

DECLARAÇÃO DE JOMTIEN

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA

CONVENÇÃO DA GUATEMALA

DOCUMENTOS DO SÉCULO XXI

FINALIZANDO

**AULA 4**

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL

O DEBATE CONTEMPORÂNEO SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL

O CONCEITO DE NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

LEGISLAÇÃO BRASILEIRA: MARCOS LEGAIS

FINALIZANDO

**AULA 5**

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

OS PRIMÓRDIOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL SOB A INFLUÊNCIA DA MEDICINA

O CONCEITO DE DEFICIÊNCIA POR MEIO DA PERSPECTIVA DE AUTONOMIA E NORMALIDADE

DEFICIÊNCIAS, NORMALIDADES E NORMATIVIDADES

O CONCEITO DE METACONTINGÊNCIA

O CONCEITO DE METACONTINGÊNCIA COMO INSTRUMENTO PARA PRÁTICA CULTURAL INCLUSIVA

FINALIZANDO

**AULA 6**

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZANDO

HELENA ANTIPOFF E A PSICOLOGIA MODERNA

O PROBLEMA DA CRIANÇA “EM PERIGO MORAL”

O CONCEITO DE PEDAGOGIA DAS DIFERENÇAS

COMO O CURRÍCULO E A FORMAÇÃO SE CONSTROEM A PARTIR DO CONCEITO DE DIFERENÇA?

GLOSSÁRIO DE TERMOS USADOS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (MEC)

**BIBLIOGRAFIAS**

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria do Desporto. Deficiência física: a realidade brasileira cria, recupera e discrimina. Brasília, DF, 1991.
- COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. R. Deficiência, direitos humanos e justiça. Sur, Rev. int. direitos human, v. 6, n. 11, p. 64-77, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1806-64452009000200004>. Acesso em: 11 jun. 2018.

- FIGUEIRA, E. Caminhando em silêncio: uma introdução à trajetória das pessoas com deficiência na história do Brasil. São Paulo: Giz Editorial, 2008.
- HUGO, V. O corcunda de Notre Dame. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- MATTOS, E. A. Deficiência mental: integração/inclusão/exclusão. Videtur, São Paulo; Espanha, 2002. p. 13-20. RODRIGUES, O. M. P. R.; MARANHE, E. A. A história da inclusão social e educacional da pessoa com deficiência. In: CAPELINI, V. L. M. F.; RODRIGUES, O. M. P. R. (Org.). Marcos históricos, conceituais, legais e éticos da educação inclusiva. Bauru: Unesp; MEC, 2010. v. 2. (Coleção Formação de Professores na Perspectiva da Educação).
- SILVA, O. M. A epopeia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje. São Paulo: Cedas, 1987.

**DISCIPLINA:**  
METODOLOGIAS ATIVAS

**RESUMO**

A educação é um meio único para trazer mudanças sociais, porém, devido às diversas mudanças na sociedade, surge a necessidade de introduzir mudanças também no sistema educacional. Neste contexto, as metodologias devem oportunizar o cumprimento dos objetivos desejados. Sendo assim, para que os estudantes se tornem participativos, torna-se fundamental a adoção de metodologias que os envolvam e atividades cada vez mais criativas e elaboradas. Nesse sentido, para tratar dessas possibilidades as Metodologias Ativas se tornam essenciais, pois a partir delas se concebe a sala de aula como um espaço vivo, de trocas, resultados e pesquisas

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

**AULA 1**

INTRODUÇÃO  
O QUE É ENSINO?  
METODOLOGIAS DE ENSINO  
METODOLOGIAS ATIVAS: CONCEITUAÇÃO  
SURGIMENTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS: CONTEXTO HISTÓRICO

**AULA 2**

INTRODUÇÃO  
METODOLOGIAS ATIVAS E TEORIAS DA APRENDIZAGEM  
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – CONCEITO  
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – HISTÓRICO  
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E SUA RELAÇÃO COM AS METODOLOGIAS ATIVAS

**AULA 3**

INTRODUÇÃO  
METODOLOGIAS ATIVAS E FORMAÇÃO DOCENTE  
METODOLOGIAS ATIVAS E TECNOLOGIAS  
METODOLOGIAS ATIVAS E A FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS  
TIPOS DE METODOLOGIAS ATIVAS

**AULA 4**

INTRODUÇÃO  
CULTURA DIGITAL  
APRENDER COM TECNOLOGIAS: NOVOS CAMINHOS  
A SALA DE AULA HOJE: ESPAÇOS DIVERSOS  
METODOLOGIAS ATIVAS, ENSINO A DISTÂNCIA E ENSINO HÍBRIDO

**AULA 5**

INTRODUÇÃO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O ALUNO E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM

O PAPEL DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

METODOLOGIAS ATIVAS COMO ESTRATÉGIA PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS INCLUSIVA

**AULA 6**

INTRODUÇÃO

ESTUDO DE CASO E SALA DE AULA INVERTIDA

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS

GAMIFICAÇÃO, DESIGN THINKING E CULTURA MAKER

METODOLOGIAS ATIVAS E AVALIAÇÃO

**BIBLIOGRAFIAS**

- MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A. de; MORALES, O. E. T. (Org.) Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. PG: Foca FotoPROEX/UEPG, 2015. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando\\_moran](http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran). Acesso em: 20 ago. 2018.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- HENGEMÜHLE, A. Formação de professores: da função de ensinar ao resgate da educação. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

